

RETALHOS DE UM ADAGIÁRIO

(Continuação do vol. XXVI, págs. 211-246)

CXV

Tantas vezes vai o cântaro à fonte, até que lá fica

Var.: a) Tantas vezes vai o cântaro à fonte, até que se quebra; b) Tantas vezes vai o púcaro à fonte, até que lá fica; c) Tantas vezes vai a infusa ao poço, || até que lá lhe fica o pescoço; d) Tantas vezes vai o caldeiro ao poço, || até que lá lhe fica o pescoço; e) Tanto vai a bilha ao poço, || que lá lhe fica o pescoço; f) Tantas vezes vai o cantarinho ao poço, || até que lá lhe fica o pescoço; g) Tantas vezes vai o cântaro à bica, || até que lá fica; h) Cântaro que vai muitas vezes à fonte, || ou deixa a asa ou a frente.

Num códice do séc. XVI: *Tantas vezes vai o cantarinho...* (1).

Alem.: *Der Krug geht so lange zum Wasser bis er zerbricht.*

Franc.: a) (séc. XVI) *Tant va la cruche à l'eau, qu'à la fin elle se brise*; b) *Tant va la cruche à la fontainette, qu'elle y laisse la manche ou l'oreillette*; c) (séc. XIII) *Tant va pot à l'ève, que brise*; d) (séc. XIII) *Tant va le pot au puis, qu'il quasse.*

Hesp.: a) *Tanto va el cántaro à la fuente, hasta que se rompe*; b) *Tantas veces va el cántaro à la fuente, que deja el asa ó la frente*; c) *Cantarillo que muchas veces va al agua, alguna se quiebra*; d) *Tantas veces va el cántaro à la fuente, que alguna se quiebra.*

Hol.: *De kruik gaat zo lang te water dat zij eindelyk breckt* (Tantas vezes vai o cântaro ao poço, que se quebra) (2).

Ingl.: *The pitcher that often goes to the well, gets broken*

(1) Apud Sousa Viterbo, in *Portugália*, I, p. 534, n.º 510.

(2) Bohn, *A polyglot of foreign proverbs.*

at last; ou: The pitcher that goes too often to the well, comes home broken at last.

Ital. (do séc. XVIII): a) *Tanto va l'orcio per l'acqua, ch'egli si rompe*; b) *Tante volte al pozzo va la secchia, ch'ella vi lascia il manico, o l'orecchia.*

Lat.: *Cantharus assidue gestatus perdit ansam* ⁽¹⁾.

CXVI

**Tanto se me dá que a água corra para baixo,
como para cima [ou como que corra para cima]**

Tanto me importa uma coisa como outra. Tudo me é indifferente; nada me preocupa: «... uma criatura de Deus, que tanto se lhe dava que a água corresse para baixo, como para cima.» (Augusto Sarmiento, *Contos ao Soa-lheiro*).

A um individuo natural de Vinhais (Trás-os-Montes) e com setenta anos de idade, ouvi o seguinte conto, que êle me disse conhecer desde a sua infância e ser ali tradicional:

Um rei, andando à caça, encontrou um velho a chorar, e perguntou-lhe qual a causa da sua dor.

— Que fôra castigado pelo pai, respondeu o velho.

O rei, informado de que o pai do velho andava trabalhando numa horta próxima, foi aí procurá-lo, e perguntou-lhe porque batera no filho.

— Por êle ser teimoso, real senhor.

— Então tu nunca teimaste?

— Não, real senhor.

O rei, indicando ao velho um regato que corria próximo, perguntou-lhe:

— Para que lado corre a água?

— Para baixo.

Diz-lhe o rei, para o experimentar:

— Não é tal; a água corre mas é para cima.

O homem, percebendo a intenção do rei, retorquiu-lhe:

— Olhe, real senhor, na idade em que estou, *tanto se me dá que a água corra para baixo, como para cima.*

(1) Bento Pereira.